

Título Em tons psicodélicos e vivos, natureza vira fóssil em mostra das artes de Luiz Zerbini
Data 21 de Julho de 2026
Evento Estrelas Escolhidas

Publicação Folha de S. Paulo
Autor Matheus Rocha
Artista Luiz Zerbini

B6 TERÇA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2026

FOLHA105

ilustrada



Em tons psicodélicos e vivos, natureza vira fóssil em mostra das artes de Luiz Zerbini

Exposição leva cerca de 230 obras ao Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, para evidenciar conexão do artista com a urgência ambiental



Matheus Rocha

SÃO PAULO Luiz Zerbini concebeu paisagens que parecem fruto de um devaneio. As telas deixam de lado o compromisso com o realismo para valorizar a experimentação cromática. Troncos, folhas e galhos reluzem com tons saturados de azul, rosa e vermelho.

São cores que emprestam ares lísergicos e dionisiacos aos cenários, convidando o observador a mergulhar numa experiência psicodélica. Observar esses quadros é como sentir a terra em transe.

Esse delírio pictórico pode ser visto nas salas expositivas do Instituto Tomie Ohtake, na capital paulista, onde está em cartaz a exposição "Estrelas Escolhidas". A mostra reúne cerca de 230 obras produzidas por meio da monotipia, técnica com a qual o artista aplicou camadas de tinta em plantas, folhas e galhos.

Em seguida, ele pressionou os materiais contra a superfície de

papéis e tecidos, de modo a criar uma impressão. "A gente descobriu que esse era um mundo para o Luiz e que ele fez esses trabalhos ao longo de dez anos", diz Ana Roman, que assina a curadoria ao lado de Luiza Mello.

Para ela, Zerbini une a prática artística a um rigor quase científico. "Ele tenta entender diariamente como uma planta reage a um processo e, depois, de que forma ela responde a outro processo." É interessante refletir também sobre como a monotipia conseguiu perenizar elementos que estão fadados a desaparecer em razão da fragilidade, como as folhas de uma árvore.

"Tem um lugar meio ficcional que é pensar nesses trabalhos quase como fósseis", diz Roman. Algumas das plantas, inclusive, liberam sua seiva durante a impressão. "Essas gravuras guardam DNA, vestígios e rastros."

Zerbini começou a trabalhar com esse método em 2016, quan-

do tentava fazer esculturas usando plantas como moldes. No entanto, o artista não conseguia obter êxito em razão de dificuldades técnicas. Foi quando se aproximou da monotipia por influência de João Sánchez, impressor com quem firmou uma parceria para conceber as obras da exposição.

A época, o profissional mostrou ao pintor a possibilidade de trabalhar com plantas, mas usando essa forma de impressão. "Quando olhei a primeira imagem que ele me mostrou, entendi o potencial da técnica. Poderia fazer a maioria das folhas que existem no planeta", afirma o artista.

Desde o começo da carreira, Zerbini dialoga com temas socioambientais. "Apesar de fazer outras coisas, como obras abstratas e geométricas, o núcleo central do meu trabalho é a natureza."

Isso ficou evidente há quatro anos, quando ele ganhou uma exposição no Museu de Arte de São Paulo, o Masp. Na ocasião, o pro-



Apesar de eu ter obras mais abstratas ou geométricas, o núcleo central do meu trabalho é a natureza, que está atrelada a questões sociais

A monotipia é feita de surpresas. Não ter o controle total é a coisa mais difícil na arte. É como você se livrar de si. Eu procuro novidade, algo que me tire daquele lugar de conforto

Luiz Zerbini
artista

eto reuniu pinturas em que o artista pôs em evidência os povos indígenas e reconstruiu grandes embates da história nacional.

"A questão da natureza é o que tem de mais importante na minha visão hoje em dia. É claro que ela está atrelada a questões sociais", diz o artista, para quem é frustrante ver o país desperdiçar o poder de sua biodiversidade. "Se ela fosse utilizada de maneira inteligente, a gente seria a maior potência do mundo."

Tal como fenômenos naturais, a monotipia é uma prática difícil de controlar. Isso acontece por não ser possível prever com segurança o resultado das impressões.

"Ela é feita de surpresas. Não ter o controle total é a coisa mais difícil no trabalho de arte. É como você se livrar de si mesmo", diz Zerbini, acrescentando que incorpora imprevistos às obras. "Procuro novidade, algo que me tire daquele lugar de conforto."

Continua na pág. B7

Título Em tons psicodélicos e vivos, natureza vira fóssil em mostra das artes de Luiz Zerbini
Data 21 de Julho de 2026
Evento Estrelas Escolhidas

Publicação Folha de S. Paulo
Autor Matheus Rocha
Artista Luiz Zerbini

FOLHA105

TERÇA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2026 87

ilustrada



Obras do artista
 Luiz Zerbini
 Pat Kilgore/Divulgação

Continuação da pág. 86

O resultado dessa entrega ao imponderável são telas que mostram a silhueta de troncos, galhos, bambus e folhas de bananeiras. Ora as cores das imagens são quentes e intensas, ora são soturnas e melancólicas. Seja como for, os tons nunca passam despercebidos. "Sou um colorista por natureza."

As tintas que ele usou para pintar as obras da exposição foram produzidas pelo próprio artista em seu ateliê, na zona sul do Rio de Janeiro. "Acho que isso deu uma intensidade maior à cor, porque a gente podia colocar a quantidade de pigmento que achava necessário", afirma.

Além das cores, a presença de itens como folhas, latas e madeiras chama a atenção de quem visita a mostra. Foi nesses materiais que o artista aplicou tinta para fazer impressões sobre a superfície das telas. Ao expor seus instrumentos de trabalho,

Luiz Zerbini quis jogar luz sobre os bastidores da criação artística. "Muitas pessoas acham que mostrar o processo faz perder o mistério, como se isso desmistificasse a obra de arte."

O artista, no entanto, considera produtivo romper com essa aura de mistério. "O fato de a pessoa se sentir próxima daquilo e achar que não existe nenhuma genialidade por trás é um sentimento muito bom."

Com mais de quatro décadas de carreira, Zerbini é um dos expoentes da chamada geração 80. Esse grupo ajudou a devolver o calor e as cores ao circuito artístico após anos de austeridade da geometria abstrata e da arte conceitual. Pedra fundamental do movimento de renovação foi lançada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na zona sul do Rio.

Foi lá que aconteceu a célebre exposição "Como Vai Você, Geração 80", realizada em 1984. O projeto se tornou um marco ao

dar visibilidade a nomes que se tornariam referência anos mais tarde, como Leonilson, Beatriz Milhazes e o próprio Zerbini.

O pintor, no entanto, considera que a repercussão do grupo foi um pouco superestimada. "Todo mundo que me entrevista pergunta sobre a geração 80, sendo que não representa nada para mim." Zerbini compara a mítica em torno do grupo àquela da Semana de Arte Moderna, evento considerado outro ponto de inflexão na arte brasileira.

Às vezes, têm uns nomes que funcionam. A "semana de 1922" funcionou, apesar de ela não ter importância nenhuma. A geração 80 também tem uma presença enorme apesar de, como movimento, não ter importância nenhuma", afirma o artista.

Estrelas Escolhidas

ONDE Instituto Tomie Ohtake - av. Brig. Faria Lima, 201, São Paulo.

QUANDO Ter. a dom., das 11h às 19h. Até 16 de agosto. PREÇO Grátis

PLÁSTICO

MAM paulistano é renovado com reforma no Ibirapuera

Museu reabre depois de dois anos fechado com redesenho do auditório e das galerias

Silas Marti

silas.marti@grupofolha.com.br

É um Brasil torto, riscado de memória, quase um coração despedaçado. Os traços da artista Carmela Gross transformados num mapa de linhas de luzes neon serão uma espécie de novo cartão de visitas do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua escultura luminosa, na parede do novo restaurante da instituição, estará visível para quem passar diante da fachada a partir de setembro, quando o MAM reabrir ao público depois de dois anos fechado por causa das obras de restauro — e de todos os seus atrasos — na marquise do parque Ibirapuera.

De certa forma, a escultura reflete a reorganização interna do museu, um dos mais importantes do país. Enquanto as obras do lado de fora funcionam para devolver o esplendor a um dos desenhos mais emblemáticos da obra de Oscar Niemeyer, o museu debaixo da marquise se refez do zero. Foram mantidas as duas galerias de exposições, uma maior e outra menor, e a sala de vidro. Esse último espaço era onde antes ficava uma das célebres esculturas de aranha da francesa Louise Bourgeois, vendida pelo banco Itaú, detentor do espaço, num dos episódios mais lamentáveis da história dos museus do país.

Lamentos à parte, o MAM renasce agora com nova iluminação, um auditório ampliado, acessível direto da entrada sem o desnível do passado, que obrigava a subir alguns degraus para entrar na sala, e a mudança da bilheteria para o lado de fora da marquise, ampliando o espaço interno de recepção do público.

Esse será o palco, a princípio, de uma festa de gala beneficente em agosto, patrocinada pela Tiffany, marco na agenda social da cidade para reerguer o museu nessa nova fase, e depois do tradicional Panorama da Arte Brasileira, em setembro, uma das mostras mais importantes do calendário das artes visuais do país. Na mostra bienal, desta vez organizada por Diane Lima, uma instalação da artista Jota Mombaça vai ocupar o célebre espaço da aranha de Bourgeois, por onde também passou uma instalação poderosíssima de Tunga.

Jota Mombaça terá espaço de destaque no Panorama do MAM, que abre o ano que vem com exposição de León Ferrari

MINHA OBRA, MINHA VIDA Já estão escaladas as obras da nova edição do tradicional Clube de Colecionadores do MAM,

em que apoiadores do museu podem levar trabalhos de grandes artistas a um custo abaixo do mercado. Neste ano, por R\$ 8.000, recurso revertido ao museu, estarão disponíveis a partir de agosto, com lançamento na feira SP Arte Rotas, peças do argentino León Ferrari e de Mayara Ferrão e Rodrigo Cass.

VEM AÍ Na sequência do Panorama, o MAM abre no início do ano que vem uma grande exposição de León Ferrari, com peças do próprio acervo, da época em que o artista viveu em São Paulo em seu exílio da ditadura argentina, e muitas outras guardadas pela família ainda em Buenos Aires. É um dos nomes centrais da história da arte latino-americana, iconoclasta nato que pôs o ódio aos totalitarismos, da política e da Igreja Católica, no centro de uma obra política até o fim e cheia de tesão até não poder mais.

CAFÉ DA MANHÃ O designer Humberto Campana, à frente do Estúdio Campana, foi escalado para desenharmos a nova loja da Tiffany no shopping JK Iguaçu, em São Paulo, e todas as suas vitrines pelo mundo.

DINHEIRO NA MÃO Empresa de infraestrutura e mobilidade urbana à frente de grandes obras em todo o país, a Motiva vai destinar R\$ 1,3 milhão para financiar ações educativas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e da Pinacoteca do Estado de São Paulo.